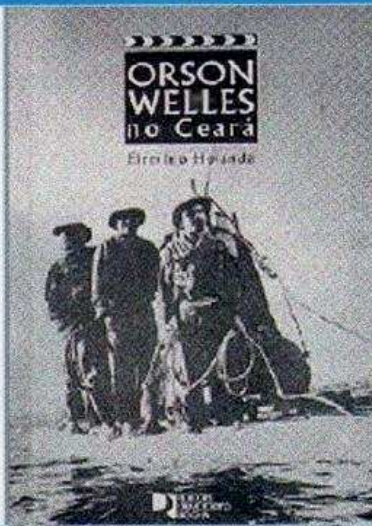


pressionante dos ventos. No meio dessa ventania, tomamos um baita tranco de lado ao atropelar uma pedra submersa. O caiaque começou a fazer água, mas deu para chegar a São Miguel do Gostoso, onde um mecânico faz-tudo remendou o rasgo de 3 centímetros com resina e fibra de vidro.

Em Enxu Queimado, uma multidão de mais de 30 indivíduos, contando pescadores, crianças e cachorros, aglomerava-se em volta do Juatinga, querendo saber um monte de coisas. Aportar nessas praias de caiaque não causa o mesmo impacto da chegada de uma Land Rover cheia de adesivos, porque as pessoas não se assustam. Elas se identificam por causa do mar e ficam curiosas em saber como o caiaque funciona. Alguns acham muito apertado, outros procuram pelo motor. Perguntam “daonde” estamos vindo, mas não acreditam que viemos de tão longe. Quando explicamos por que estamos viajando de caiaque, entendem menos ainda. Uma vez pedimos comida e o sujeito desconfiou que não teríamos como pagar, afinal nem dinheiro para o ônibus a gente tinha! Eles nem imaginam que um caiaque assim custa 4 mil reais. Aí você diz que vai dormir na praia mesmo e ouve: “Não, de jeito nenhum, vai dormir lá em casa”. A viagem inteira foi assim.



QUASE FAMOSOS

Em setembro de 1941, os cariocas ficaram perplexos com a chegada de quatro jangadeiros à Baía de Guanabara, depois de uma jornada de 3 mil quilômetros desde a Praia de Iracema, Fortaleza. O objetivo dos destemidos velejadores era protestar na então capital federal contra a situação de abandono dos pescadores no Ceará. Meses depois, essa incrível história virou tema de um filme do diretor americano Orson Welles recém-consagrado por *Cidadão Kane*. Tragicamente, um acidente nas filmagens no Rio de Janeiro matou “mestre Jaca”, líder dos jangadeiros. O filme, intitulado *It's all True* (“É Tudo Verdade”), jamais foi finalizado por Welles, mas ganharia uma montagem em 1993.



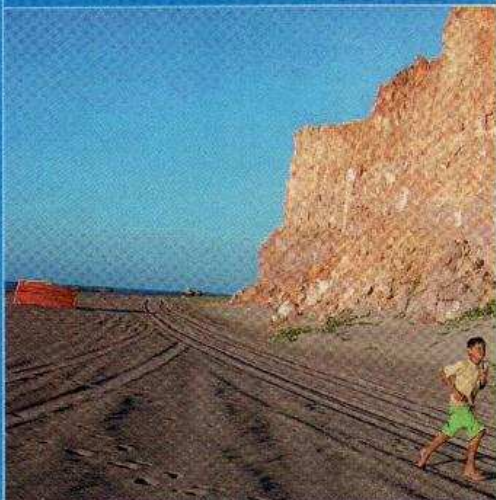
Sem chuva ou vento forte, a barraca de palha resolvia

Por causa da posição da costa, estávamos num dos poucos lugares do Brasil onde o sol nasce e se põe no mar. É emocionante. Em Porto do Mangue, do outro lado do Rio das Conchas, há um trecho totalmente deserto chamado Costinha. Um cenário de sonho, onde a areia fina voa o tempo todo, formando dunas que vão cercando nossas coisas. É tanto vento que tivemos que entrar no mar para tentar comer alguma coisa sem engolir areia.

O prêmio de mais belo pedaço costeiro, porém, foi para Ponta Grossa, no Ceará, o último estado de nosso trajeto. A praia inteira é cercada por falésias enormes (com camadas em vermelho, amarelo, laranja e branco) e dunas. A vila de Ponta Grossa fica entre árvores, não dá para ver casa nenhuma do mar. Muitos dos caiçaras são descendentes de holandeses, bem loirinhos. Subimos nas dunas no final de tarde para apreciar um arco-íris fantástico e plantações de caju que se perdem de vista em direção ao interior. Não deu pra resistir: resolvemos tirar mais um dia de descanso nesse paraíso.

Depois de 400 quilômetros de costa potiguar, a viagem ia se aproximando do fim. Canoa Quebrada é bem bonita, mas resolvemos passar direto para não trombar com os turistas. Durante todo o percurso, nossa preferência era pelas paradas em pequenas vilas de pescadores, como Uruaú, logo depois de Canoa. Em Morro Branco, conversando com os locais, resolvemos nos oferecer para ajudar mestre Eliézio e seus parceiros “Ó” e “Mão Branca” em um dia de pesca de verdade! Saímos às 6h da manhã de jangada, depois de aprontar as iscas dos manzuás (armadilhas de lagosta), as velas, remos, cordas e âncora. Velejamos 30 quilômetros em direção ao oceano sem bússola, GPS, nada, só no “cheiro”. O mar estava revolto e o vento apertou bastante durante o percurso. Ondas varriam a jangada a toda hora, e a habilidade do mestre era fundamental para não deixá-la virar.

**NAS ALDEIAS,
NINGUÉM
ACREDITAVA
QUE VÍNHAMOS
DE TÃO LONGE.
MUITO MENOS
POR QUÊ**



As falésias de Ponta Grossa, no Ceará